

DUAS EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE VIDEOPOESIA PARA JOVENS

Cardes Monção AMÂNCIO

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Cefet-MG

cardes@gmail.com

Resumo: O texto discute o conceito de funcionário, de Vilém Flusser, que pode ser aplicado aos usuários de câmeras de vídeo que ignoram os procedimentos internos e outros elementos dos equipamentos eletrônicos. O foco do texto recai sobre a possibilidade de um empreendimento criativo com a utilização de tais aparatos eletrônicos, que no caso é representado por duas oficinas de videopoesia, frequentadas por jovens de escolas públicas da cidade de Itabira – MG.

Palavras-chave: videopoesia; curta-metragem; educação.

A videopoesia é um gênero audiovisual, geralmente enquadrada no experimental. Há um percurso teórico realizado por diversos autores na tentativa de se delimitar um conceito para videopoesia, mas está em fase de consolidação tal processo. Um desses empenhos pode ser visto na definição de Giorgio de Marchis:

“Um videopoema é qualquer trabalho gravado pelo menos parcialmente (ou completamente voltado para a distribuição) por meio de vídeo ou filme, respectivamente, em qualquer formato, exibido por projeção em qualquer meio e que seu autor a defina como tal. É também qualquer trabalho em que (com as características acima, exceto a de ser definida como "videopoesia") um poema reconhecido como tal se integra de forma sonora ou visual, ou ambos, com as imagens. Finalmente, é toda obra que visualiza ou representa um poema reconhecido como tal, ainda que este não esteja refletido diretamente.”
(MARCHIS, 2005 p.3)

O objetivo de uma oficina de videopoesia é trabalhar com a sensibilidade poética e a interligação da poesia com imagens. Ao longo da oficina os participantes desenvolverão roteiros, farão estudos de locações, aprenderão a manusear câmeras de vídeo ou aprimorarão suas técnicas, filmarão seus roteiros, participarão da edição, adquirindo noções básicas de edição e finalizarão seus produtos culturais. Suas próprias videopoesias. Na oficina também é estimulada a produção de videopoesias utilizando novas mídias, como os celulares com câmera e máquinas fotográficas que filmam. Pois muitas vezes estes os alunos já possuem estes equipamentos e podem posteriormente dar sequência à produção.

Pelo fato dos equipamentos a serem utilizados no trabalho (câmeras de vídeo e máquinas fotográficas ou celulares que filmam) possuírem interface amigável e seu uso ser relativamente simples, tanto o facilitador da oficina, como os participantes, são incluídos na categoria de funcionários, segundo Flusser (1985). Funcionários são aqueles que utilizam os dispositivos sem o domínio total ou parcial dos mecanismos que ocorrem no interior da caixa preta. Utilizam o equipamento com as funções oferecidas pelo fabricante, o que pode ser considerado uma limitação, pois sem poder intervir na construção ou na programação do equipamento, tendem a usá-lo dentro dos parâmetros pré-definidos de fábrica.

Talvez ser um funcionário seja um fato a ser aceito. Seria impossível que um sujeito ao decidir tirar uma foto ou fazer um filme iniciasse o processo da construção do dispositivo de captura de imagens. No grau de evolução técnica em que tais equipamentos se encontram, o futuro usuário leigo de seu próprio equipamento hipoteticamente levaria décadas para reunir o conhecimento necessário para construir sua câmera de vídeo ou fotográfica. Talvez mesmo dentro das fábricas da

Sony ou da Nikon, existam poucos empregados que dominem todas as fases do processo industrial de construção de um equipamento, tal o elevado grau de divisão social do trabalho em que nos encontramos hoje. Para não dizer impossível que uma só pessoa domine a óptica para produzir lentes, a mecânica para desenvolver o mecanismo reflexivo e o obturador por exemplo, e para complicar ainda mais, dominar a fabricação de circuitos eletrônicos e hardware, caso queira construir uma máquina digital, o que demandaria também conhecimentos profundos de programação para criação dos *firmwares* (conjunto de instruções operacionais programadas diretamente no hardware de um equipamento eletrônico). E ainda assim, dominando todas essas áreas tão diversas do conhecimento, correria o risco de obter resultados de imagens muito similares com os das máquinas existentes e ainda de produzir um equipamento novo com um lapso de qualidade de anos em relação aos disponíveis no mercado. Talvez um pintor levasse vantagem sobre um cineasta, se ambos quisessem construir seus dispositivos que possibilitassem a sua expressão intelectual, pois ainda que tivesse que viajar para a Sibéria do Norte em busca de pelos de cauda de marta kolinsky para produzir seus pincéis, levaria menos tempo para se aprimorar na técnica de fabricação dos mesmos.

Assumimos, temporária ou definitivamente, nossa condição de usuários. Neste exercício de produção artística audiovisual mais do que o dispositivo que permite o trabalho nos interessa o resultado que pode ser obtido. Desse resultado aguardo um vídeo que se aproxime do cinema como instrumento de poesia de Buñuel, no sentido de que seja um cinema livre, conectado com o espírito e o sonho e ao mesmo tempo capaz de se relacionar com a realidade. E sob estes aspectos importa que a linguagem cinematográfica flua livremente, possa ser compreendida e experimentada pelos participantes da oficina.

Nas edições anteriores tive a oportunidade de ministrá-la em locais como o Contato – Centro de Referência da Juventude¹, em Belo Horizonte, em 2007, para um público misto composto basicamente por jovens de alguma maneira ligados ao audiovisual (realizadores independentes e estudantes de comunicação ou cinema), como também poetas com livros publicados (com interesse em adquirir conhecimentos para experimentar transcrições de suas obras em outros suportes) e até um coordenador de um programa estadual de reinserção social de egressos do sistema prisional em busca de possíveis parceiros para ministrarem cursos para os usuários do programa. As videopoemas produzidas pelos alunos estão disponíveis na rede.² Por duas ocasiões em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, através do departamento de literatura da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima. Na primeira delas também público diversificado, com alunos do mestrado em linguagem e cognição da Universidade Estadual do Norte Fluminense, professores da rede pública, poetas e interessados em audiovisual em geral, de onde nasceu a videopoesia “Cara nova”. Num segundo momento para alunos do programa “Educação para jovens e adultos”, onde foi produzida a obra “Teias”. É sempre prazeroso propiciar o contato com o cinema e a possibilidade de sua articulação com a poesia, bem como estar presente durante as fases do processo que levam os participantes da oficina a produzirem sua primeira videopoesia.

Creio que a partir deste uso do equipamento audiovisual estabelece-se uma fronteira entre o usuário “funcionário” flusseriano e um sujeito que utiliza um aparato tecnológico à serviço de sua expressão artística. Segundo Tarkovski (1990), cada artista é regido por suas próprias leis e estas não são obrigatoriamente iguais para todos. Chegamos a um ponto que deve ser observado o uso da câmera como um pincel. Lembrando Magritte, que afirma fazer uso da pintura para tornar seus pensamentos visíveis, o mesmo ocorre com a câmera na mão de alguém que a utiliza para dar vazão

¹ Making of da oficina de videopoesia Versos a 29 frames por segundo <<http://www.vimeo.com/1429162>>, acessado em 15/01/2011

² GONÇALVES, Jéssica. Folha pausa. [Filme-vídeo] Produzida na Oficina de videopoesia versos a 29 frames por segundo de AMÂNCIO, Cardes M. Contato – Centro de Referência da Juventude. 3Min. Cor. Son. Belo Horizonte, 2007. <<http://www.vimeo.com/5683180>> Acessado em 15/01/2012
SGARBI, Amanda. Geometria urbana. [Filme-vídeo] Produzida na Oficina de videopoesia versos a 29 frames por segundo de AMÂNCIO, Cardes M. Contato – Centro de Referência da Juventude. 3Min. Cor. Son. Belo Horizonte, 2007. <<http://www.vimeo.com/5682704>> Acessado em 15/01/2012

à sua expressão. Assim pode ser ultrapassada a fronteira entre o funcionário e o autor. “Através da arte o homem conquista a realidade mediante uma experiência subjetiva. (...) Uma descoberta artística ocorre cada vez como uma imagem nova e insubstituível do mundo, um hieroglifo de absoluta verdade” Tarkovski (1990). Quando o autor alcança a imagem nova a que se refere Tarkovski, o seu grau de conhecimento do equipamento (se sabe ou não construir uma câmera) não importa. Vale a imagem nova que foi produzida, fruto da expressão única de um sujeito, que contém toda a particularidade e é insubstituível. A produção de conteúdo subjetivo a partir de meios tecnológicos pode romper os limites da repetição estereotipada das imagens produzidas com a caixa preta. Desloca-se o problema levantado por Flusser da limitação das câmeras por saírem da fábrica com uma quantidade estabelecida de funções para a capacidade do ser humano de se expressar através de diversos meios ou suportes de maneira original.

Para os que querem realizar algum produto com imagens em movimento são vários: a tão falada facilidade de acesso aos equipamentos que possuem dispositivos de gravação audiovisual (celulares, máquinas fotográficas, câmeras de vídeo amadoras e semi-profissionais) e o aumento das possibilidades de exibição, principalmente via internet, onde produções de qualidade duvidosa podem atingir dezenas, centenas de milhares de acesso e às vezes esse número bate a casa dos milhões.

Este cenário é propício para que consumidores dos *mass media* que somos, em nossa maioria desde crianças, possamos adentrar o fabuloso mundo das imagens sonorizadas em movimento: para criar arte ou lixo digital. Para a maioria talvez, o determinismo tecnológico é aplicável. Cabe ao artista lidar com o permanente desafio de não aceitar a funções básicas originais de cada aparelho, se esquivando de um eventual condicionalismo das máquinas à sua produção e utilizando-as em seu benefício estético e criativo. É possível prever que para muitos que apertam o botão *rec* de um dispositivo, a influência das mensagens, sejam elas dos programas de televisão ou das publicidades, é anterior e mais limitante criativamente do que o determinismo tecnológico. Seria um estágio inicial a ser ultrapassado: se libertar de certas amarras provenientes da contaminação estética e de linguagem dos meios de comunicação de massa, para posteriormente ir além do uso tradicional, previsto e previsível dos dispositivos e caminhar eventualmente no sentido de se produzir uma obra de arte.

“Longe de se deixar escravizar pelas normas de trabalho, pelos modos estandardizados de operar e de se relacionar com as máquinas, longe ainda de se deixar seduzir pela festa de efeitos e clichês que atualmente dominam o entretenimento de massa, o artista digno desse nome busca se reapropriar das tecnologias eletrônicas numa perspectiva inovadora, fazendo-as trabalhar em benefício de suas idéias estéticas.” (Machado. 2004. p.2)

Por duas ocasiões ministrei oficinas de videopoesia em Itabira. A primeira delas foi para os jovens, com idade entre 12 e 16 anos, participantes do projeto Drummonzinhos, que forma guias mirins, focados na vida de Carlos Drummond de Andrade e nas obras de poesia deste autor que se encontram espalhadas pela cidade, no formato de museu aberto. A oficina se inicia com a apresentação de obras de videopoesia, algumas de minha autoria, outras de artistas conhecidos e outras baixadas da internet. Os alunos são estimulados a comentar os vídeos. Essa introdução tem objetivo de iniciar ou aprofundar nos participantes as possibilidades de execução de obras audiovisuais relacionadas à poesia. Como os vínculos dos participantes com o poeta itabirano eram grandes, sabiam diversos trechos e até poemas inteiros de cor, bem como conheciam bem a história de Drummond, ficou decidido por eles que o conterrâneo seria o objeto de nosso trabalho. Procuo deixar os alunos com um grau de independência alto e tudo decidido na oficina sobre a produção é feito de maneira coletiva. Assim, o grupo decidiu selecionar poesias de Drummond que tivessem Itabira como referência. Era o ponto de partida. Após o grupo eleger as poesias e fazer a leitura, partimos para o segundo momento, que é a elaboração do roteiro. A princípio não se pensou em alguma poesia específica, que funcionaria como espinha dorsal da videopoesia. Foi montado um mosaico de elementos da identidade itabirana. A partir daí, dentro das possibilidades de deslocamento que possuíamos, que era uma van, mas que precisava ser agendado e não ficava a

nossa disposição, elaboramos um roteiro de onde e o que gravaríamos. De posse de todas as imagens, os participantes discutiam como e qual poesia seria usada. Alguma poesia inteira, trecho de várias poesias, dentre outras opções levantadas. Enfim, o grupo optou por usar uma poesia que havia sido musicada, o que acabou por transformar o trabalho em um videoclipe.

Já na segunda atividade desenvolvida na cidade, os participantes eram de uma escola pública e as atividades foram desenvolvidas no local. Depois do momento inicial de exibição e discussão das obras, partimos para a biblioteca, por sugestão de um dos alunos. O público era de faixa etária entre 13 e 15 anos. O livro escolhido foi de um poeta local, com poesias breves, quase haicais, o que se mostrou bastante interessante para oficina, pois o tempo era relativamente curto, os alunos muitos e diga-se de passagem, bastante agitados e com propensão à dispersão, fato que me levou a dividir a turma em três grupos e enquanto eu assessorava um deles, os outros dois ficavam circulando pelo pátio. Cada grupo escolheu uma poesia e coletivamente pensaram um roteiro, que foi gravado internamente na escola.

O resultado em ambas oficinas foi satisfatório e o *feedback* dos alunos em relação ao curso, às técnicas aprendidas e ao produto final foi positivo. Acredito no potencial dessas práticas educativas para o despertar dos participantes para a possibilidade de se tornarem produtores de mensagens, em vez de mero consumidores. E de uma mensagem com potencial estético e artístico alto. Os resultados dos trabalhos podem ser acompanhados em <http://www.versos29frames.blogspot.com.br>.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta - ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.

MACHADO, Arlindo. Produção artística e tecnologia. *Ciclo de palestras Contatos com arte e tecnologia, do evento Emoção artificial 2.0 – divergências tecnológicas*. São Paulo, 2004

MARCHIS, Giorgio De. Marchis. *Retórica del Videoarte. Estudio aplicado a la videopoesía*. Icono 14 - Revista de Comunicación y Nuevas Tecnologías nº5, Madri:Universidad Complutense de Madrid, 2005

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.